

EIS AQUI A SERVA DO SENHOR, FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA!

Como todos sabemos, entre os dias 22 e 27 de Janeiro, realizou-se a Jornada Mundial da Juventude no Panamá. Foi um evento riquíssimo em muitos aspectos, como é sempre esta iniciativa que foi sonhada pelo Papa São João Paulo II e que teve o seu início ainda nos anos 80.

Ir a uma Jornada Mundial da Juventude é uma experiência sempre única. Não interessa a quantas já fomos, não importa o que já vimos, é sempre novo esse encontro dos jovens entre si e com o Papa.

Há alguns aspectos no que toca a receber e a participar numa Jornada Mundial da Juventude, o evento com maior participação em todo o mundo, que importa reter.

OUSADIA | É sempre um acto de ousadia apresentar uma candidatura para receber a Jornada Mundial da Juventude. É-o porque sabemos tudo o que está em jogo: receber o Papa, acolher inúmeros eventos sucessivos e simultâneos, receber milhares (ou milhões) de jovens de todo o mundo. É ainda mais ousado quando se fala de um país pequeno, pobre ou minoritariamente cristão. E já tivemos Jornadas Mundiais da Juventude em países que, facilmente, encaixaríamos numa destas categorias. Em nenhuma delas a experiência deixou de entusiasmante e cheia de frutos para os que participaram.

ACOLHIMENTO | Para mim este é um dos pontos mais decisivos quando se fala de uma Jornada Mundial da Juventude. O acolhimento que todo um país faz ao Papa e aos jovens que ele chama a si, com todo o esforço de preparação que isso implica são notáveis. Mas ainda mais notável é vermos como milhares de casas se abrem para acolher os peregrinos, venham de onde vierem, sejam eles quem forem. Abrir o nosso espaço familiar à entrada de pessoas de culturas diferentes, que falam línguas diferentes (e que não é garantido que entendamos) e acolhê-las como família é das experiências mais bonitas que tenho feito e que, mais uma vez, vivi no Panamá. Fui acolhido, juntamente com mais três austríacos – Markus, Lukas e Jesse - na casa da Karla e da Ivette, duas irmãs que nos abriram as portas e o coração de uma forma extraordinária demonstrando uma capacidade de acolhimento invulgares. Ao receber os peregrinos estavam também a acolher Jesus, literalmente. O mais belo foi ver o caminho interior que foram fazendo a partir das nossas partilhas, do nosso entusiasmo e a forma como elas próprias viveram a Jornada foi transformada pela maneira como nós a vivemos. Num outro plano, na Jornada vive-se um ambiente de acolhimento global. Decerto vimos na televisão as inúmeras bandeiras e as t-shirts que identificavam jovens provenientes de diversas partes do globo, muitas vezes de nações rivais entre si e que, aqui, se acolhem, convivem no mesmo espaço, fazem comunhão. Um outro aspecto que me impressionou, e que nunca testemunhei noutra Jornada Mundial, foi o facto de as comunidades judaica e islâmica, não só terem recebido peregrinos nos seus espaços e nas suas famílias, como ainda terem afixado cartazes dando as boas-vindas ao Papa. Grandes exemplos de acolhimento que eu leio como sinais de esperança e de paz.

UNIVERSALIDADE | A Jornada Mundial da Juventude é católica no mais profundo significado do termo. É um encontro verdadeiramente universal! É impressionante, quando na Festa das Nações, ao ver o desfile das bandeiras percebermos que estão ali representantes de todo o mundo. Além dos muitos jovens ali presentes, a universalidade da Jornada estende-se a todos os que, em todo o mundo, acompanham na totalidade ou parcialmente os eventos e as palavras do Santo Padre. Não é indiferente a ninguém a quantidade enorme de notícias, de tempo de antena em televisão ou de publicações nas redes sociais

ÁGAPE

Ágape “exprime a experiência do amor que se torna verdadeiramente descoberta do outro. O amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício”. **Bento XVI**

que a JMJ gera. E contagia! Porque a Beleza, a Bondade e a Verdade do que ali se vive nos põem em contacto com o que realmente somos. E quando partilhamos isso, os outros sentem-no também.

ALEGRIA | É indiscreto a alegria que se vive durante uma Jornada. Um dos momentos de maior alegria e comoção que vivi foi durante a Cerimónia de Acolhimento ao Santo Padre. Com algo tão simples como isto: a extraordinária interpretação cantada e dançada que fizeram do Hino da JMJ Roma 2000, Emanuel. Não sei explicar porquê, mas as coisas belas têm este efeito em mim e, depois de tudo o que já tinha experimentado e vivido, aquele momento foi muito especial. Mas o melhor de tudo é a alegria dos peregrinos que nos cumprimentam em festa mesmo depois de uma dura caminhada debaixo de sol; a alegria de quem nos acolhe em sua casa quando chegamos vindos de algum evento, quando nos levantamos de manhã; a alegria dos voluntários, dos militares, polícias e seguranças, dos motoristas dos autocarros, ou das pessoas que trabalham nas lojas. A alegria do Papa, dos Bispos, dos Padres... Uma alegria que vem de dentro, que nos faz esquecer os contratempos que também vão acontecendo no decorrer de um evento tão grande. Uma alegria que é transmissível por contacto. Lembro-me muito bem dos momentos que antecederam a missa final, em que seria anunciado que a próxima Jornada vinha para Lisboa. Os jovens que foram convidados a assistir à missa no palco – os mesmos que depois vimos a agitar no ar as suas bandeiras em festa – estavam numa tal expectativa, com uma alegria tão grande por tudo o que tinham vivido já e por aquilo que, incredivelmente, estavam prestes a experienciar, que estavam radiantes de alegria. Uma delas chegou a dizer-me que só lhe apetecia abraçar toda a gente de tão feliz que estava. Esta alegria não nos acontece por acaso, esta alegria não se inventa, esta alegria brota da certeza do Amor, do Amor que nos fere gratuitamente.

CONSEQUÊNCIA | Participar numa Jornada tem consequências. O Papa e os outros intervenientes muitas vezes nos lembraram que tudo aquilo que ali vivemos é como uma semente destinada a ser lançada por nós na terra fértil que encontraremos nos nossos países de origem. Tudo aquilo que investimos e recebemos numa Jornada nunca fica só ali, multiplica-se, amplia-se, gera frutos por muito tempo e impele-nos a construir Igreja, Igreja na melhor aceção e realização da palavra. O que vemos numa Jornada é que a Igreja pode permanecer jovem, com uma linguagem jovem, a falar aos jovens. Uma Igreja que não fica estagnada nos modelos de sempre, sem deixar de ser fiel ao que recebeu de Jesus. Quantos jovens voltaram de uma Jornada reavivados na sua fé, desafiados vocacionalmente, ou confirmados no seu desejo de mais compromisso e missão?

Para nós, lisboetas, este ano tem uma consequência que nos enche de alegria e expectativa, mas também de humildade. Cabe-nos acolher a próxima Jornada Mundial da Juventude, que acontecerá na nossa cidade, em 2022. Digo humildade, porque talvez isto não aconteça por sermos os melhores, mas os que mais precisamos. É uma grande oportunidade que Jesus nos dá! Como pároco do Campo Grande, acredito que estaremos entre aqueles que, no decorrer da Jornada e na sua preparação, poremos todos os esforços para fazer ainda mais e melhor uma coisa que já é o nosso cartão de visita: **ACOLHER!**

Aproveitando o fruto da Jornada, digamos ainda: Eis aqui a serva do Senhor, faça-me em mim segundo a tua palavra!

Padre Hugo Gonçalves



JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

A JMJ terminou no Domingo, no Panamá. De Lisboa participaram cerca de 40 jovens e aqui ficam excertos de testemunhos de alguns deles, publicados no site da Rádio Renascença e recolhidos pela jornalista Ana Catarina André, que faz parte da nossa paróquia.



“Soube há duas semanas que ia estar com o Papa Francisco, no Panamá. Nunca tinha pensado que isto me pudesse acontecer, mas aceitei o convite com muita alegria. Com mais quatro jovens - cada um de um continente - cumprimentámos o Papa. Agradei-lhe ter vindo ao Panamá e disse-lhe que era português. Lado a lado, e de mãos dadas, passámos pela porta que simbolicamente dava acesso ao canal do Panamá e consequentemente ao início da jornada. No altar, fiquei sentado ao lado da rapariga da Nova Zelândia. O Papa estava a menos de dois metros de mim. Durante a celebração, vibrei com as suas palavras de união e caridade: é possível ultrapassar as diferenças e fazer muito com pouco. Ali nada parecia separar-nos. Do altar via a multidão: todos o ouviam com naturalidade. Era impressionante.”

(Joaquim Goes, 21 anos)

A Carolina participou na Pré-Jornada na Costa Rica. “Ficámos na diocese de Limón, na paróquia de Guápiles, a cerca de duas horas da capital San José. Estivemos com peregrinos do México, Argentina, Peru e Brasil. O momento mais emocionante aconteceu quando todos os peregrinos que estavam naquela diocese se juntaram para um encontro com o Bispo. Depois da missa, houve um momento de festa, com música, máscaras e chapéus. No fim, saí para atender o telefone e quando voltei foi incrível. Em profundo silêncio mais de 300 jovens adoravam o Santíssimo: todos tinham parado para adorar a Deus. Alguns choravam, outros estavam completamente prostrados diante da grandiosidade do que ali estava a acontecer. Também havia quem rezasse o terço. Impressionou-me a fé das pessoas na Costa Rica. Sempre que alguém falou comigo, no fim despedia-se com um “Deus te acompanhe”.”

(Carolina Borges, 19 anos)



“Um dos momentos mais marcantes desta jornada foi a missa final”. Durante a celebração, estive com mais 14 jovens portugueses na zona lateral do altar, com o Papa Francisco ali muito perto. O mestre-de-cerimónias disse-nos que, assim que Lisboa fosse anunciada como a próxima cidade a acolher a JMJ, fizessemos uma grande festa.” E assim foi. Quando se soube que Portugal receberia o evento, os jovens pularam de alegria. No fim, e já depois de Marcelo Rebelo de Sousa ter cumprimentado o Papa, um dos seguranças chamou-os. “O Papa disse-nos ‘olá’ e conseguimos tirar uma fotografia com ele. Beijámos-lhe as mãos. Sendo ele Pedro, é um momento alto para qualquer católico estar na sua companhia.”

(Francisco Botelho, 23 anos)

“Notava-se mesmo que os panamianos nos queriam receber bem”, contando que nas ruas era comum ouvir-se um Bienvenidos a Panamá. “A cidade estava unida. A comunidade muçulmana, por exemplo, ofereceu garrafas de água aos peregrinos, dando as boas-vindas ao Papa Francisco, homem da paz”. A jovem ficou alojada, com mais duas portuguesas, em casa de Carolina, uma panamiana de 86 anos. “Deu-nos o melhor que tinha. Preocupava-se genuinamente com o nosso bem-estar, fosse nas barritas de cereais que nos dava para comer durante a manhã, fosse no tratamento das bolhas que tínhamos nos pés - andávamos muito.” À chegada a Lisboa, Ana Sofia diz ter “as baterias carregadas”. “Hoje, ser católico é desconcertante - muitas pessoas não percebem por que acreditamos em Deus e passamos tempo a rezar.” E conclui: “A JMJ é uma oportunidade para conhecer jovens com a mesma fé e desse encontro trazer um maior entusiasmo e convicção de que este é o verdadeiro caminho que queremos para a nossa vida.” (Ana Sofia Almeida, 24 anos)

DIZ O PAPA FRANCISCO

(Pode consultar estes textos na íntegra em www.vatican.va)

Vimos de culturas e povos distintos, falamos línguas diferentes, vestimos roupas diversas. Cada um dos nossos povos viveu histórias e circunstâncias distintas. Mas nada disso impediu de nos encontrarmos, de nos alegrarmos juntos, de celebrarmos juntos, de confessarmos Jesus Cristo juntos. Isto é possível, porque sabemos que há Alguém que nos une, que nos faz irmãos. O cristianismo é Cristo! É continuar o sonho pelo qual Ele deu a vida: amar com o mesmo amor com que Ele nos amou. Não nos amou a meias, não nos amou um pouco... Amou-nos totalmente, cumulou-nos de ternura, de amor; deu a sua vida. Perguntemo-nos: O que é que nos mantém unidos? Que nos impele a encontrar-nos? É a certeza de saber que fomos amados com um amor cativante que não queremos nem podemos calar; um amor que nos desafia a responder da mesma maneira: com amor. O que nos impele é o amor de Cristo. (JMJ Panamá, Cerimónia de Acolhimento e Abertura)



Caminhar com Jesus será sempre uma graça e um risco. Uma graça, porque nos compromete a viver na fé e a conhecê-Lo, penetrando nas profundezas do seu coração, compreendendo a força da sua palavra. Um risco, porque, em Jesus, as suas palavras, os seus gestos, as suas ações contrastam com o espírito do mundo, a ambição humana, as propostas duma cultura do descarte e da falta de amor. Há uma certeza que enche de esperança esta via-sacra: Jesus percorreu-a com amor; e viveu-a também a Virgem Gloriosa, Ela que, desde o início da Igreja, quis sustentar com a sua ternura o caminho da evangelização. (JMJ Panamá, Via Sacra com os jovens)

A ACONTECER

UNÇÃO DOS DOENTES - CELEBRAÇÃO COMUNITÁRIA

No Domingo, dia 10, na Missa do Meio-dia, será administrado o sacramento da Santa Unção àqueles que o desejarem, nomeadamente os que estejam perante as dificuldades de uma doença grave ou a sofrer com as limitações próprias da idade avançada. As inscrições deverão ser feitas junto do Vigilante ou do Acolhimento. Quem estiver impossibilitado de se deslocar à Igreja poderá também inscrever-se para na semana seguinte receber este mesmo sacramento em sua casa.

VIGÍLIAS DO CAMPO GRANDE

No dia 07 de Fevereiro, quinta-feira, às 21h00 teremos mais uma Vigília do Campo Grande, que será dedicada à Escola de Oração.